

MALAN: ACORDO SAI.

Mas os Dart ainda tentam obstruir negociação

Com ou sem a família Dart, o Brasil vai efetivar o acordo com os bancos privados estrangeiros, garantiu ontem o presidente do Banco Central, Pedro Malan, que continua tentando convencer os Dart a assinar o acordo. Se o grupo

americano se mantiver irreduzível, o Brasil fará a troca dos títulos com os demais credores. "Não acreditamos que um acordo assinado com mais de 95% dos credores possa ser obstruído na Justiça", afirmou o presidente do BC. A família Dart, um grupo não-financeiro, detém 4% (US\$ 1,4 bilhão) da dívida renegociada e ameaça ir à Justiça para receber os seus créditos em condições diferentes daquelas acertadas com os bancos. No Brasil, o assessor da família Dart é o consultor Luís Paulo Rosenberg, da Rosenberg & Associados.

De acordo com Malan, bancos detentores de 90% da dívida renegociada (US\$ 35

bilhões) já assinaram os contratos com o Brasil. Este nível de adesão deixa o governo brasileiro confiante de que, em breve, o acordo alcançará 95,11% de adesões: Esse percentual já foi atingido na fase anterior, quando os bancos

aderiram via telex. Concluído o estágio atual do acordo, o Brasil ficará na dependência de um acordo com o Fundo Monetário Internacional para poder trocar os títulos da dívida velha pelos novos bônus da dívida renegociada. A troca não pode-

rá se dar depois de 15 de abril do próximo ano.

O problema com os Dart é que o grupo quer trocar os títulos da dívida velha por bônus de capitalização. Essa disposição contraria o acordo feito entre o Brasil e o comitê de bancos, que estipula um mínimo de 35% da dívida a serem trocados por bônus com desconto de 35% do principal, e um máximo de 40% por bônus ao par (sem desconto).



Arquivo/AE

Malan: confiança.